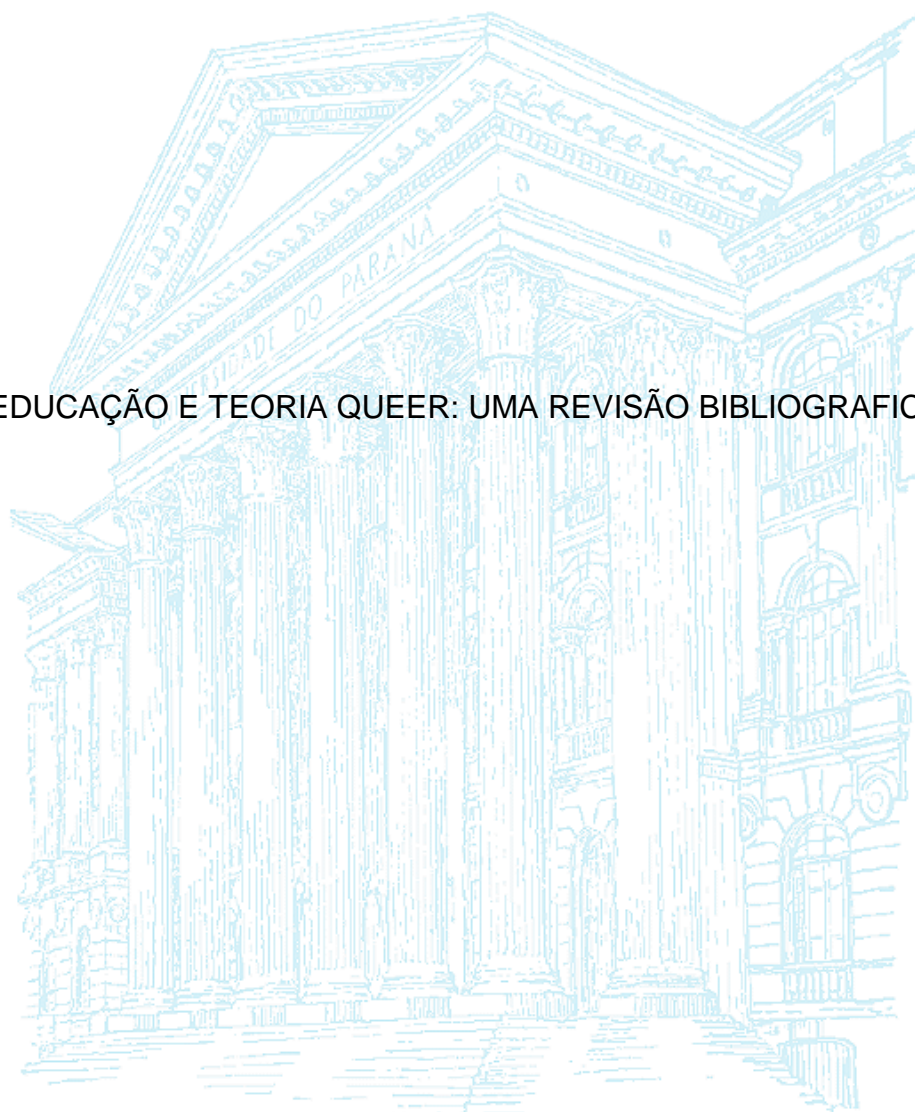


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VANESSA TAUSCHECK

EDUCAÇÃO E TEORIA QUEER: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA



LAPA
2016

VANESSA TAUSCHECK

EDUCAÇÃO E TEORIA QUEER: UMA REVISÃO BIBLIOGRAFICA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof.^a Ms. Thayz Conceição
Cunha de Athayde

LAPA
2016

EDUCAÇÃO E TEORIA QUEER: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Vanessa Tauscheck¹; Thayz Conceição Cunha de Athayde²

¹Possui graduação em Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2012) e pós-graduação em Psicodrama Terapêutico pela Faculdades Integradas Espírita. E-mail: nessa.vt@gmail.com

²Possui graduação em Psicologia - Faculdades Integradas do Brasil (2012) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2015). É doutoranda em Educação pela UERJ e pesquisadora do GENI – Grupo de Estudos em Gênero, Sexualidade e/m Interseccionalidades na escola. E-mail: thayzathayde@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa teve como objetivo pensar uma educação atravessada pela teoria queer. Para chegar ao objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de levantamento teórico da história do movimento queer, da educação na contemporaneidade e da teoria queer como educação. Através da revisão bibliográfica foi problematizada uma possível “educação queer”. Ao final da pesquisa observou-se possibilidades de uma educação atravessada pela teoria queer, mas sem uma fórmula, pois seria ir contra o que a teoria queer propõe. Assim, esta educação trabalharia com a instabilidade de todas as identidades, deixando as diferenças presentes e desnaturalizando ideias formadas. Espera-se que esta revisão venha contribuir com futuras pesquisas e trabalhos de educadoras e educadores, visto a importância de promover a discussão deste tema.

Palavras-chave: Educação, Teoria Queer, Educação Queer.

Abstract: This research aimed to think an education crossed by the queer theory. To reach this objective, a bibliographic search was made through a theoretical survey of the queer movement, of the contemporary education and of the queer theory along with education. With the literature review an hypothetical "queer education" was problematized. In the end of the research there were noticed the possibilities of an education crossed by the queer theory, but without a formula, as that would be against the propositions of the theory. Thus, this education would work with the instabilities of all identities, relegating the present differences and denaturalizing preformed ideas. It's expected that this revision may contribute with future researches and educational works, given the importance of the discussions about this theme.

Keywords: Education, Queer Theory, Queer Education.

INTRODUÇÃO

Faz-se necessário analisar a conjuntura política brasileira na contemporaneidade, tanto em nível científico, quanto em nível social, sobre temas relacionados com gênero e sexualidade. Nestes últimos tempos uma comissão de deputados aprovou o Projeto de Lei 6583/13, em que delimita que família é constituída apenas por homem e mulher. Neste PL tem-se: “Para os fins desta Lei,

define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 2013). As reflexões da teoria queer, assim como de uma educação queer, ganham mais relevância neste cenário.

Portanto, problematizar as questões propostas pela Teoria Queer e como pode-se pensar uma pedagogia queer, poderia ser pensada como uma forma de enfrentar projetos de leis como este. Mas o que é Queer? A tradução literal da “queer” significa “estranho”. Louro (2004) apresenta brevemente o que vem a ser o queer, “Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’” (LOURO, 2004, p. 7)

Estudar a teoria queer dentro da educação não é um tema fácil. Esta teoria trabalha com o que está fora, não está encaixado, assim, tentar encaixar a teoria queer em uma forma de educação, ou determinar o que seria uma educação queer seria ir contra o que ela propõe. Dessa forma, este trabalho, através da revisão bibliográfica, apresentará questionamentos do que poderia ser pensado como uma educação que se utiliza da teoria queer. É um tema que ainda deve ser muito debatido, não para colocar uma fórmula pronta, mas para o debate chegar até os educadores.

OBJETIVOS

Pensar uma educação que seja atravessada pela teoria queer, realizando uma revisão bibliográfica de uma educação que se utiliza da teoria queer, educação na contemporaneidade e pensar uma possível “educação queer”.

METODOLOGIA

O presente artigo se trata de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Antônio Carlos Gil (2012) define pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, com objetivo de descobrir respostas para o problema, mediante o emprego de procedimentos científicos.

Sobre pesquisa qualitativa temos que é o tipo de pesquisa que trabalha com os dados qualitativos, ou seja, as informações não são expressas em números, ou apresentam um papel menor na análise. Apresenta maior ênfase na interpretação do que na quantificação, na subjetividade ao invés da objetividade, flexibilidade na pesquisa, a importância no processo e não apenas no resultado. (DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2008).

Já a pesquisa bibliográfica se caracteriza com o um estudo sistematizado com base em matérias publicados em livros, artigos, monografias, teses, revistas, jornais, rede eletrônicas, isto é, materiais acessíveis ao público. Com finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi publicado sobre o assunto. Não se caracterizando como uma repetição ou cópia do que já foi publicado, mas sim apresentando um novo enfoque. (MARCONI e LAKATOS, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A teoria queer iniciou na segunda metade da década de 1980, nos Estados Unidos. O momento que possibilitou o surgimento do movimento queer, se enquadra nas discussões do pós-estruturalismo e vai além de questões políticas pontuais e da teorização gay e lésbica (LOURO, 2004).

Nos anos 1980 ocorre o surgimento da epidemia de AIDS. Com a epidemia e a recusa estatal em reconhecer a emergência de saúde pública, nos Estados Unidos, tem-se uma resposta a revolução sexual que ocorreu anos antes e influencia e marca como se vivencia a sexualidade até hoje. Para Miskolci (2012):

A epidemia é tanto um fato biológico como uma construção social. A aids foi construída culturalmente e houve uma decisão de delimitá-la como DST. Uma epidemia que surge a partir de um vírus, que poderia ter sido pensada como a hepatite B, ou seja, uma doença viral, acabou sendo compreendida como uma doença sexualmente transmissível, quase como um castigo para

aqueles que não seguiam a ordem sexual tradicional. Então, a aids foi um choque, e da forma como foi compreendida tornou-se uma resposta conservadora à Revolução Sexual, a qual, no Brasil, foi vivenciada pela então conhecida “geração do desbunde”. No mundo todo, essa reação teve consequências políticas jamais superadas e também na forma como as pessoas aprenderam sobre si próprias, sobre a sexualidade, e na maneira como vivenciam seus afetos e suas vidas sexuais até hoje (MISKOLCI, 2012, p. 23).

Spargo (2006) também comenta sobre o surgimento da teoria queer e a AIDS: “[...]foi no contexto do ativismo da AIDS e da rejeição às estratégias assimilacionistas que o “queer” foi desdobrado em sua forma atual, tanto na cultura popular, quanto na teoria” (idem, p. 34).

Neste momento, além da epidemia da AIDS, multiplicam-se os movimentos sociais e seus propósitos, a política de identidade homossexual estava em crise, em razão das discussões sobre a concepção da identidade homossexual unificada, que antigamente era a base da política identitária (LOURO, 2004).

Alguns grupos homossexuais permanecem lutando por reconhecimento e por legitimação, buscando sua inclusão. Em termos igualitários, ao conjunto da sociedade; outros estão preocupados em desafiar as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais, pondo em xeque as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual; e ainda outros não se contentam em atravessar as divisões, mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira. (LOURO, 2004, p. 37).

Neste cenário que emerge a teoria queer, em um momento de questionamento as identidades políticas e em que se associa a AIDS com a homossexualidade. Miskolci (2012) escreve que as pessoas que contraíram AIDS nesta época encaravam o perfil da pessoa abjeta, temida, repugnante, ameaçando o que é estável na comunidade. “Esse termo, ‘abjeção’, se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (MISKOLCI, 2012, p. 23). A partir desse movimento surgiu a Teoria queer. No âmbito acadêmico, a teoria queer tem como história:

A teoria queer faz uso de várias ideias da teoria pós-estruturalista, incluindo os modelos psicanalíticos de identidade descentrada e instável, de Jacques Lacan, a desconstrução de estruturas binárias conceituais e linguísticas, de Jacques Derrida e, é claro, o modelo de discurso, saber e poder, de Foucault. Previsivelmente, ela não tem um momento único de origem mas, retrospectivamente, o início de sua cristalização é muitas vezes identificado como uma série de conferências acadêmicas realizadas nos Estados

Unidos no final dos anos 1980, que abordaram assuntos gays e lésbicos em relação a teorias pós-estruturalistas (SPARGO, 2006, p. 38).

O texto de Teresa Lauretis, no livro “*Technologies of gender*”, é considerado um dos primeiros textos da teoria queer (ATHAYDE, 2015). O livro de Judith Butler, *Gender Trouble*, é considerado um dos três livros mais influentes da teoria queer ((MISKOLCI, 2012).

Esta teoria não tem origem nos pensamentos de Michel Foucault, mas ele pode ser entendido como um catalisador, com sua análise sobre poder e sexualidade. “Foucault não foi o primeiro a argumentar que a sexualidade é construída socialmente, mas, a partir dos anos 1980, seu trabalho foi aquele que indubitavelmente teve mais impacto e influência sobre novos desenvolvimentos em estudos gays e lésbicos e em estudos culturais da sexualidade” (SPARGO, 2006, p. 24).

Para Spargo (2006) mesmo o movimento de gays e lésbicas conseguindo promover uma maior aceitação e igualdade, haviam diferenças internas que fragmentavam a identidade coletiva. Assim, ao mesmo tempo que as identidades gays e lésbicas foram “emancipatórias”, também, foram “restritivas”. Dessa forma, algumas pessoas se identificam com o termo “queer”.

‘Queer’ pode funcionar como substantivo, adjetivo ou verbo, mas em qualquer caso se define contra o normal ou o normalizador. A teoria queer não é um quadro de referências singular, conceitual ou sistemático, mas sim uma coleção de compromissos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual (SPARGO, 2006, p. 08).

Outro termo que a teoria queer coloca em cena é o de heteronormatividade. A heteronormatividade, ou seja, a heterossexualidade como norma, é um conceito utilizado pela teórica queer, Judith Butler, no livro *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade* (2003). Esse conceito também é utilizado por alguns teóricos e teóricas *queers* para problematizar gays e lésbicas “normalizados” e que de alguma forma são aceitos socialmente. Aqueles considerados os “anormais” seriam corpos que não se enquadram e, portanto, seriam considerados abjetos (Miskolci, 2012).

Além da heteronormatividade os estudiosos da teoria queer vem discutir o “binarismo de gênero”. Butler, com base em Foucault, discute sobre a sexualidade ser produzida discursivamente e ao tratar de gênero entra na discussão do binário.

Argumenta também que a ideia de uma essência na identidade pode sustentar as estruturas normativas binárias (SPARGO, 2006). Assim temos:

Ela considera o gênero como um efeito performativo experimentado pelo indivíduo como uma identidade natural, argumentando contra a suposição de que a categoria de identidade de gênero “mulher” possa ser a base das políticas feministas, pois tentativas de desenvolver qualquer identidade como um fundamento irão inevitavelmente ainda que inadvertidamente, sustentar as estruturas normativas binárias das atuais relações de sexo, de gênero e de libido (SPARGO, 2006, p. 49).

Ainda sobre gênero e identidade, Spargo cita Butler, sobre gênero não ser a extensão do sexo biológico, não nos comportamos de determinada forma pelo gênero, é através de padrões comportamentais e práticas discursivas que adquirimos nossa identidade de gênero. E é através de práticas discursivas que heterossexualidade compulsória pode se manifestar (SPARGO, 2006).

Ainda sobre a história da teoria queer, e já entrando na discussão de uma pedagogia queer, esta teoria “chegou” ao Brasil através de Guacira Louro, quando passou um período na Universidade da Califórnia, em 2001. Louro escreveu o primeiro texto sobre a teoria queer no Brasil. O contexto em que a teoria queer surgiu no Brasil, foi o de uma consolidação da democracia, após o regime militar, assim, razões históricas contribuíram para a teoria queer surgir na área da educação. (Miskolci, 2012). Assim, neste tempo de existência no Brasil a teoria queer apresenta grande aproximação com a educação.

Iniciando a problematização de como uma educação pode ser atravessada pela teoria queer, pode-se questionar o que vem a ser uma pedagogia queer e como trabalhar com uma pedagogia queer. Para chegar nestas duas questões, é necessário pensar em como se caracteriza a escola hoje, alguns autores que trabalham com pedagogia queer e educação questionam o papel da escola na atualidade. César, Duarte e Sierra (2013) apresentam que, “[...] a escola moderna é uma instituição que não suporta o desconhecido; é um espaço no qual os saberes e os sujeitos precisam ser inteligíveis para serem incluídos em seu plano curricular institucional” (CÉSAR, DUARTE E SIERRA, 2013, p. 197).

Sobre a constituição da escola, César e Sierra (2014) ainda questionam que a escola é o lugar onde se processam as produções de verdade sobre sexo, gênero e sexualidade, assim, através do discurso e saberes produzem quais são os corpos que importam ou não. É um lugar de produção das identidades, e que reforçam a

heteronormatividade (CÉSAR e SIERRA, 2014, p.40). Ainda sobre a escola César (2009), escreve que a instituição escolar, “nasceu disciplinar e normalizadora, a diferença, ou tudo aquilo que está fora da norma, em especial a norma sexual mostra insuportável por transbordar os limites do conhecido” (CÉSAR, 2009, p. 48).

Pensando na escola na atualidade, uma instituição que não trabalha com o desconhecido, que produz verdade sobre o sexo e que é disciplinar e normalizadora, como a teoria queer poderia atravessar esta instituição? As questões ainda podem ser maiores, portanto, faz-se necessário pensar como em uma educação que ultrapasse os limites das instituições educacionais. Pode-se se questionar em como isso ocorreria na atualidade, pensando que com relação a sexualidade “a ameaça constante de retaliações e violências nos induz a adotar comportamentos heterossexuais” (MISKOLCI, 2012, p. 34). Ou seja, é possível que as violências façam com que se crie um ambiente heteronormativo.

Neste ponto, pode-se retomar o objetivo desta pesquisa, pensar uma educação que seja atravessada pela teoria queer, realizando uma revisão bibliográfica de uma educação que se utiliza da teoria queer. Como poderia ser pensado uma educação atravessada pela teoria queer neste contexto? Visto que a escola trabalha com verdades e respostas, como esse formato ajudaria na manutenção dos discursos de corpos viáveis e inviáveis?

Alguns estudiosos da educação trabalham as questões de como seria aproximar/pensar/questionar uma educação queer, ou uma pedagogia queer, ou um currículo queer. Para pensar em como seria essa aproximação, pode-se analisar o que vem a ser uma pedagogia queer, para depois pensar em como trabalhar com a teoria queer. Louro (2004) apresenta o que os teóricos e teóricas queer sugerem, desta forma podemos pensar o que poderia ser entendido como uma pedagogia queer.

Os teóricos e as teóricas queer sugerem uma teoria e uma política pós-identitárias. O alvo dessa política e dessa teoria não seriam propriamente as vidas ou os destinos de homens e mulheres homossexuais, mas sim a crítica à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sócias, o conhecimento e as relações entre os sujeitos (LOURO, 2004, p. 46).

Assim, é possível dizer que uma pedagogia queer questionaria o binarismo de gênero e a heterossexualidade como norma. Pode-se pensar que ela não trabalharia com a inclusão, a ideia seria de questionar esta estrutura.

Ao questionar o que vem a ser uma pedagogia queer, Louro (2004) ainda remete ao que a teoria queer é: subversiva e provocadora. Assim, ela apresenta que a pedagogia queer seria subversiva e provocadora, isso não apenas com relação ao tema sexo, sexualidade e gênero. Para a autora: “Uma tal pedagogia sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias férreis e criativas para pensar qualquer dimensão da existência” (LOURO, 2004, p. 52).

E como pode-se trabalhar com uma pedagogia queer? Louro apresenta que uma das formas de pensar a teoria queer com a educação é trabalhar com a instabilidade de todas as identidades. Muitos projetos pedagógicos querem acabar com a diferença, um currículo queer deixaria as diferenças mais presentes, desestabilizando ideias já formada de alunos e professores (Louro, 2004). Assim:

Tal pedagogia não pode ser reconhecida como uma pedagogia do oprimido, como libertadora ou libertária. Ela escapa de enquadramentos. Evita operar com os dualismos, que acabam por manter a lógica da subordinação. Contrapõe-se, seguramente, à segregação e ao segredo experimentados pelos sujeitos “diferentes”, mas não propõe atividades para seu fortalecimento nem prescreve ações corretivas para aqueles que os hostilizam. Antes de pretender ter a resposta apaziguadora ou a solução que encerra os conflitos, que discutir (e dismantelar) a lógica que construiu esse regime, a lógica que justifica a dissimulação, que mantém e fixa as posições de legitimidade e ilegitimidade. (LOURO, 2004, p. 51 e 52)

Ao pensar como seria o trabalho de uma pedagogia queer pode-se voltar a questão do pós-identitário. César, Duarte e Sierra (2013) questionam a questão das identidades, pois assim a escola excluiria os desconhecidos, que não são classificáveis, ou, tenta normaliza-los. Pois, como já mencionado, a escola é uma instituição que não trabalharia com o desconhecido.

Com isso César e Sierra (2014) entram na discussão da inclusão na escola. Para eles o processo de inclusão se caracteriza no processo de normalização, a questão seria em como “[...]pensarmos formas de interrogação do sujeito identitário e de suas conformações anatomopolíticas e biopolíticas que o encerram e o individualizam como um corpo viável anos princípios da moral heteronormativa e do mercado neoliberal” (CÉSAR e SIERRA, 2013, p.44). Portanto, é preciso trazer

certos questionamentos, e não em como pode-se incluir o sujeito da diversidade sexual.

Em seu livro “Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer” Louro (2004) faz uma analogia entre o queer e uma viagem, ou entre o queer e estar em uma fronteira. Sobre isto Louro escreve:

[..] sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante. É possível pensar que esse sujeito também se lança numa viagem ao longo de sua vida, na qual o que importa é o andar e não o chegar. Não há um lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se darão ao longo do trajeto [...] Tal como numa viagem, pode ser instigante sair da rota fixada e experimentar as surpresas do incerto e do inesperado (LOURO, 2004, p. 13).

Pode-se pensar sobre o que Louro escreveu e voltar para a educação queer, o estudo com uma pedagogia queer seria o de se lançar numa viagem, e o importante é o andar e não o chegar, é o percurso e não o resultado. O importante é a mudança que os alunos e educadores vão fazendo e experimentar as surpresas do percurso. Neste mesmo livro Louro (2004), ainda utiliza o queer como um verbo, “estranhar”, e junto o verbo com a educação e o currículo, assim, deve-se estranhar o currículo escolar, questiona-lo, isso seria uma forma de uma pedagogia queer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação a esta pesquisa e o objetivo de pensar uma educação que seja atravessada pela teoria queer, realizando uma revisão bibliográfica de uma educação que se utiliza da teoria queer, encontrei uma quantidade relevante de autores que abordam a temática da teoria queer e educação. Durante a realização deste trabalho tive a oportunidade de me aproximar e conhecer um pouco sobre a história do movimento e da teoria queer, e dos conceitos criados por seus principais autoras(es). Com relação a educação, encontrou possibilidades de uma educação atravessada pela teoria queer, mas sem uma formula pronta, pois seria ir contra o que a teoria queer propõe com ser subversiva, provocadora e utilizar a incerteza como estratégias. Assim, através desta pesquisa encontrou possibilidades como a proposta por Louro (2004) de trabalhar com a instabilidade de todas as identidades, deixando as diferenças presentes, desnaturalizando ideias formadas.

Espera-se que este artigo venha contribuir com educadoras e educadores, a conhecerem a teoria queer e, também, a serem mais provocadores com relação a educação e a sociedade, problematizando a educação e projetos de Lei como o 6583/13, que delimita o que vem a ser uma família. Este é um tema que ainda deve ser muito debatido, não para chegar a um consenso e a uma fórmula pronta, mas para o debate chegar até os educadoras e educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Athayde, Thayz Conceição Cunha de. **A Marcha das Vadias e a escola: feminismo, corpo e (bio)política**. Curitiba, 2015

BRASIL. **Congresso Nacional**. Projeto de Lei 6583/13. Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências. Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=59705>

Acesso em: 28 jan. 2016.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Gênero, sexualidade e educação**: notas para uma "Epistemologia". In: Dossiê - gênero, sexualidade e educação: novas cartografias, velhos problemas. Educar em Revista, v. 35, 2009b. p. 37- 51.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André; SIERRA, Jamil Cabral. **Governamentalização do Estado, movimentos LGBT e escola**: capturas e resistências. In. Educação (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 2, p.192-2000, maio/ago. 2013.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; SIERRA, Jamil Cabral. **Governamentalidade neoliberal e o desafio de uma ética/estética pós-dentitária LGBT na educação**. In: Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 1/2014, p. 35-51. Editora UFPR.

DALFOVO, M. S; LANA, R. A; SILVEIRA, A. **Métodos quantitativos e qualitativos**: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2012.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Spargo, Tamsim. **Foucault e a teoria queer**. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed UFJF, 2006.